

REUNIÃO COOPERATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA GESTÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

COOPERATIVE MEETING: CONTRIBUTIONS TO THE TEACHING AND LEARNING PROCESS IN THE MANAGEMENT OF SOCIAL RELATIONS IN ELEMENTARY EDUCATION

REUNIÓN COOPERATIVA: APORTES AL PROCESO DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE EN LA GESTIÓN DE LAS RELACIONES SOCIALES EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA

Adriana de Vasconcelos Cavalcanti

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: adriana.cavalcanti.024@ufrn.br

Flávio Boleiz Júnior

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: flavio.boleiz@ufrn.br

RESUMO

Este artigo visa a abordar uma das técnicas que contribui para com a materialidade da concepção pedagógica de Célestin Freinet na relação dialética e dialógica que envolve as práticas docente e discente. Trata-se da Reunião Cooperativa, que coloca crianças e adultos em horizontalidade para resolverem coletivamente os problemas e conflitos cotidianos da sala de aulas em geral. O arcabouço teórico apresenta sintonia com os princípios da pedagogia popular de Freinet ao propor a metodologia ativa e progressista da *Escola Moderna*, que a especificou como *Educação do Trabalho*. Ao tratar detalhadamente, neste pequeno ensaio, a Reunião Cooperativa, a metodologia utilizada não poderia deixar de ser a observação participante, um método qualitativo para abordar a experiência relevante da imersão em um ambiente que consegue propiciar, através do próprio trabalho educativo, reflexão acerca da aprendizagem e da conduta democrática no despertar da autonomia e da gestão do próprio trabalho pedagógico por parte dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Freinet; escola moderna; reunião cooperativa; educação do trabalho.

ABSTRACT

This article aims to address one of the techniques that contributes to the materiality of Célestin Freinet's pedagogical conception in the dialectical and dialogical relationship that involves teaching and student practices. This is the Cooperative Meeting, which places children and adults horizontally to collectively solve the everyday problems and conflicts of the classroom in general. The theoretical framework is in tune with the principles of Freinet's popular pedagogy by proposing the active and progressive methodology of the *Modern School*, which specified it as *Work Education*. By dealing in detail, in this short essay, the Cooperative Meeting, the methodology used could not fail to be the participant observation, a qualitative method to address the relevant experience of immersion in an environment that can provide, through the educational work itself, reflection on learning and democratic conduct in the awakening of autonomy and management of the pedagogical work itself by the students.

KEYWORDS: Freinet; modern school; cooperative meeting; work's education.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo abordar una de las técnicas que contribuye a la materialidad de la concepción pedagógica de Célestin Freinet en la relación dialéctica y dialógica que involucra la enseñanza y las prácticas estudiantiles. Se trata del Encuentro Cooperativo, que coloca a niños y adultos horizontalmente para resolver colectivamente los problemas cotidianos y conflictos del aula en general. El marco teórico está en sintonía con los principios de la pedagogía popular de Freinet al proponer la metodología activa y progresiva de *la Escuela Moderna*, que la especificó como *Educación Laboral*. Al tratar en detalle, en este breve ensayo, el Encuentro Cooperativo, la

metodología utilizada no podía dejar de ser la observación participante, un método cualitativo para abordar la experiencia relevante de inmersión en un entorno que puede proporcionar, a través del propio trabajo educativo, reflexión sobre el aprendizaje y la conducta democrática en el despertar de la autonomía y la gestión del trabajo pedagógico en sí por parte de los estudiantes.

PALABRAS-CLAVE: Freinet; escuela moderna; reunión cooperativa; educación del trabajo.

1. INTRODUÇÃO

Nosso trabalho apresenta como objeto de estudo a Reunião Cooperativa. Trata-se de uma abordagem progressista e libertadora, empregada em grande parte nas escolas que utilizam a metodologia da Escola Moderna, idealizada e desenvolvida por Celestin Freinet. Pensar de forma progressista e libertadora, e acreditar que a educação pode ser constituída por essa vertente, torna-se um caminho a ser trilhado — fácil de envolver e difícil de desenvolver. Não é que seja difícil de acreditar na concepção progressista de educação, mas não é fácil deixar de acreditar que o professor seja a figura principal em sala de aula: aquele que vai realizar a constituição da aprendizagem, além de ser parceiro, mediador, atuante, ouvinte e amigo.

Sobre esse contexto, não é simples crer que um professor possa deixar que o estudante, em plena sala de aula, atue em seu papel de sujeito ativo e integrante, e não de alguém passivo, que esteja ali para apenas absorver o conhecimento, mas que participe constantemente de tudo que diz respeito à escola, à aula, ao planejamento, às atividades. No entanto, o caminho a trilhar para se conhecer e optar por uma nova forma de ver e estar no mundo, especialmente no contexto escolar, é muito difícil.

Seguindo o pensamento inicial, apesar da aparente liberdade que se apresenta ao se mergulhar em um mundo que concebe a educação com nuances libertadoras, a imersão num ambiente prenhe de técnicas que não conhecemos — mas que queremos muito apreender e abraçar — não é tarefa fácil. Para cabeças formadas em escolas com caráter conservador, por exemplo, é difícil abandonar todas as concepções adquiridas, advindas de construções teóricas e perceptivas que nascem de nossas leituras de mundo, da visão que forjamos através e por meio de tudo que vivemos: a educação familiar, a primeira escola, o que o mundo de modo geral nos leva a acreditar.

Além disso, todas as concepções do senso comum dão a impressão de que a melhor educação é aquela que impõe, controla, manipula, dita, determina. Sendo assim, quando se conhece e passa a conviver no meio de práticas como aquelas desenvolvidas numa escola baseada

na Pedagogia de Freinet, tem-se a impressão inicial de que nada vai dar certo. Afinal de contas, num lugar com tanta liberdade e participação direta dos estudantes na gestão do tempo e espaço escolar, como se pode ter controle? Como garantir a certeza de que os educandos aprenderão? Tudo parece, inicialmente, uma grande bagunça, que aos poucos se organiza. Isso gera um conflito interior nas concepções de quem vive essa experiência pela primeira vez, pois o mais impressionante é que a “bagunça toda” se organiza pelos próprios estudantes. Os gritos autoritários são substituídos por diálogos constantes, as brigas dos educandos são substituídas por reuniões cooperativas em que cada turma resolve os problemas de forma coletiva e a escola passa a ser um local não só de aprendizagem, mas de crescimento cognitivo e social.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nossa fundamentação teórica busca luz no pensamento de Célestin Freinet para debater com responsabilidade a metodologia desenvolvida na escola, *lócus* deste trabalho, a Escola Elise¹, bem como a técnica pedagógica, objeto de estudo de nosso texto, a Reunião Cooperativa.

Quando se conhece apenas o contexto educacional tradicional, tende-se a acreditar que é preciso, como docente, estar sempre a controlar a sala de aula. Acaba-se por esquecer daquilo que deveria ser o principal quando se pensa em educação. Afinal de contas, qual o melhor tipo de relação para se estabelecer entre docente e discentes? Qual o ser humano que se anseia formar? Com quais valores? Em qual concepção de escola?

É muito comum que comecemos a fazer essas indagações quando conhecemos o pensamento de Célestin Freinet e os princípios da Escola Moderna. Freinet compreendeu como poucas pessoas a natureza humana: ninguém gosta de obedecer passivamente. “Claro que existem os indivíduos habituados ao rebanho, dobrados pela obediência, domesticados a ponto de terem perdido essa reação vital que é a dignidade”. (FREINET, 1996, p. 82). Mas se há de compreender que os educandos podem chegar ao topo da escada sem subir metodicamente todos os degraus. Ou seja, para além da sala de aula absolutamente controlada pelo educador, a criança, instintivamente, pode encontrar um novo caminho para conhecer o saber.

O educador francês também diz que as escolas não têm que, necessariamente, ser esse lugar. Não foi por acaso que Freinet criou uma *pedagogia do trabalho*. Em sua concepção de mundo, o trabalho é o que orienta a prática escolar e o objetivo final da educação é formar cidadãos para o

¹ O nome da escola a que nos referimos neste artigo foi trocado para garantir a privacidade dos envolvidos.

trabalho livre e criativo, também é conseguir transformar o meio e emancipar quem o faz. Uma das funções do professor, segundo Freinet, é criar uma atmosfera laboriosa na escola, de modo a estimular as crianças a fazerem experiências, procurarem respostas para suas necessidades e inquietações ajudando e sendo ajudadas por seus colegas e buscando no professor alguém que garanta a organização do trabalho.

Para Freinet, educação se realiza através do trabalho. Por isso ele tentou elaborar atividades com fins educativos em todas as tarefas e todos os fazeres da escola, produzindo diferentes técnicas pedagógicas para seus educandos, sempre focadas, justamente, numa educação pelo trabalho. Freinet leu e se apropriou da ideia de Marx de que “trabalho é atividade orientada a um fim” (MARX, 1983, p. 150). Por isso, aplicou em seus fazeres docentes o princípio defendido por Engels, de que, “o trabalho se torna a condição básica e fundamental de toda vida humana. E em tal grau que até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem.” (ENGELS, 2006, p. 01).

Há trabalho todas as vezes que a atividade — física ou intelectual — suposta por esse trabalho atende a uma necessidade natural e proporciona por isso uma satisfação que por si só é uma razão de ser. Caso contrário, não há trabalho, há serviço, ou seja, tarefa que se cumpre apenas por obrigação. Vocês costumam afirmar: instruir-se para poder trabalhar com eficácia. Invertemos o problema e digo-lhes por quê: trabalhar eficazmente para se instruir, se enriquecer, se aperfeiçoar, se elevar e crescer. (FREINET, 1998, p. 316)

Sobre a pedagogia do trabalho, Freinet acreditava que uma das atividades primordiais do educador é colaborar ao máximo para o êxito de todos os seus educandos. Diferentemente da maioria dos pedagogos modernos, ele via grande valor didático no erro. Nesse sentido, o erro, numa escola norteada pelas ideias da Escola Moderna, é uma oportunidade de se crescer. É uma espécie, assim, de um trampolim para se superar uma dificuldade e se saltar adiante. Para os estudantes de uma escola Freinet, a relação com o trabalho existe desde sempre e cada estudante se identifica, pouco a pouco, consigo mesmo, como sujeito que é.

É preciso pensar que a nossa relação com o trabalho é algo que está atrelado à história da humanidade, pois o trabalho existe desde que nos descobrimos enquanto espécie humana, é um fator que se liga diretamente à questão de nossa sobrevivência de nossa condição de humanidade histórica. Vejamos a fala de Marx sobre o assunto:

Antes de tudo, o trabalho, é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe

em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua própria vida. (MARX, 1983, p. 149)

Diante dessas constatações, educação e trabalho devem se relacionar de forma constante. Entretanto não é o que ocorre em todas as escolas, sejam elas progressistas ou não. O estudante nem sempre está envolvido em alguma atividade que represente trabalho, pois na maioria das vezes as atividades em sala de aula objetivam um fim conteudista.

Nesse sentido, a concepção de educação do trabalho parece estar relacionada apenas a escolas populares, na maioria das quais a pedagogia da Escola Moderna embasa o processo educativo. Aí o trabalho tem tamanha importância que integra toda a proposta de ensino. Para Freinet, a educação se relaciona diretamente à instrução, ao ensino e ao trabalho, e se torna algo indispensável e primordial na vida de qualquer educando.

3. CÉLESTIN FREINET

Este grande ser humano foi um educador popular que nasceu em 15 de outubro de 1896, em Gars, vilarejo nos Alpes Marítimos da França, e que viveu até 8 de outubro de 1966. Filho de camponeses, pequenos proprietários rurais, pobres, mas não miseráveis, influenciaram Célestin para que resolvesse estudar para ser professor primário — única profissão, naqueles tempos, com férias remuneradas e aposentadoria garantida pelo governo — o que o levou a frequentar a Escola Normal de Nice.

Desde criança, Freinet envolveu-se constantemente com o trabalho, aprendeu as tarefas do campo, em meio a brincadeiras sempre influenciadas pelas atividades do trabalho cotidiano. Talvez por esse motivo sua concepção de *educação pelo trabalho* esteja tão presente em suas obras.

Com alto grau de exigência Freinet precisou estudar com afinco, dedicando seus poucos momentos de liberdade à busca do diploma de professor. Na Primeira Guerra Mundial, Freinet foi recrutado sem poder terminar seus estudos — justamente após o segundo ano na escola Normal de Nice, onde o curso de magistério duraria três anos. Foi ferido gravemente no pulmão, o que o levou à hospitalização. Foi só em janeiro de 1920, após convalescer por cerca de quatro anos para estabilizar a saúde, que conseguiu ser nomeado professor da escola de meninos de Bar-Sur-Loup²,

²Bar-Sur-Loup é uma pequena cidade localizada na mesma região que a cidade natal de Freinet — Gars — Nos Alpes Marítimos.

então com 24 anos de idade. Em 1924, Freinet criou uma cooperativa de trabalho com professores de toda a França — a Cooperativa de Ensino Laico (CEL) —, aquela cooperativa suscitou o Movimento da Escola Moderna na França. Em 1925 conheceu a artista plástica Élise, que começou a trabalhar como sua ajudante e em 1926 casou-se com ela, anos depois tiveram uma filha chamada Madeleine.

O método de ensino de Freinet era divergente da política oficial de educação nacional e causava um clima de desconfiança, especialmente devido ao grande volume de correspondências trocadas entre as escolas participantes da CEL. Durante a II Guerra foi preso, e enviado para um campo de concentração, onde permaneceu por um período de oito meses e ficou gravemente doente. Mesmo enfermo, enquanto esteve preso, deu aulas e alfabetizou vários companheiros.

Aderiu, então, à resistência francesa e foi comandante de um núcleo de rebeldes que lutou contra o nazismo. Recobrada a paz, Freinet, reorganizou a escola e a cooperativa em Vence e tornou-se uma referência para os estudiosos de tendência progressista por ter sido o idealizador das bases de uma pedagogia comprometida politicamente com as classes populares e, portanto, com a construção de uma escola democrática, que buscava unir a educação à vida dos educandos.

Até hoje, a Escola foi e continua sendo o Templo onde a criança, depois de ter realizado alguns gestos rituais, entra na sala de aula na ponta dos pés para viver uma vida totalmente diferente da sua verdadeira vida, no respeito religioso pela palavra do professor e na submissão às “Escrituras”. Essa Escola-Templo não se preocupa em preparar a criança para a vida! (FREINET, 2004, p. 102).

Freinet organizou a Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna (FIMEM), oficializada em 1948 e ativa até hoje, objetivando o intercâmbio entre os educadores para a construção e o aperfeiçoamento de técnicas, estratégias e ferramentas didáticas, em condições de manter os princípios da Escola Moderna. Freinet soube unir as experiências e as expectativas do dia a dia, transformando tudo em uma nova metodologia de aprender e ensinar. Fala-se muito sobre o contexto pedagógico e a história de vida de Freinet e de sua esposa Élise ao criarem e aperfeiçoarem as práticas da Escola Moderna (OLIVEIRA, 1995) As concepções sobre educação de Freinet e seus princípios educacionais estão definidos em 29 invariantes com que educadores podem avaliar suas próprias práticas docentes. Essas invariantes representam seus princípios de educação: O tateamento experimental, educação do trabalho da vida cooperativa, comunicação e livre expressão.

Para falar das técnicas de Célestin Freinet, muitas vezes é preciso modificar o próprio olhar, a escola está precisando de uma concepção mais humana, mais integradora, mais cooperativa. Freinet é um educador do povo e sua ideia de uma escola popular e de uma educação ativa voltada para o educando, oferece um marco para os estudiosos e todos que procuram ter um olhar diferente do tradicional, mostrando sensibilidade em sua prática educativa, e defende em sua práxis que o estudante tem motivações e entusiasmos a partir dos quais o professor deve proporcionar liberdade e condições de desenvolvimento, favorecendo a criação de um espaço criativo para o processo de ensino, facilitando, por sua vez, a aprendizagem através de técnicas pedagógicas direcionadas para a vida.

Como podemos ver, a práxis de Freinet fundamenta-se em valores que o comprometem politicamente com a formação do cidadão. Tal constatação poderemos ver mais à frente ao falarmos da reunião cooperativa, que indica que processos psicológicos e sociais de fato ocorrem para a constituição dos educandos como seres humanos inteiros, conscientes do seu papel social. Trata-se, essencialmente, de um projeto que se contrapõe ao do ensino tradicional, que reproduz o ideal social burguês.

4. METODOLOGIA

4.1 Uma Experiência relevante com as Práticas de Freinet — A Reunião Cooperativa

Desenrolando nossa tecitura, e agora expondo nossa metodologia, no ano de 2017 em um projeto de extensão, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), intitulado Educação Cooperativa e Inovadora: Alternativas da melhora e qualidade para a formação cidadã na Educação Básica, desenvolvido nos anos de 2016 e 2017, tivemos a oportunidade de estar presentes na escola Elise e assim, realizamos a observação participante das atividades pedagógicas cotidianas com as técnicas de Célestin Freinet, que caracterizam a Escola Moderna.

Podemos dizer, a partir das observações, que quando ouvimos o que os estudantes pensam, e quando os envolvemos no trabalho escolar, estamos tendo uma visão mais sensível e pedagógica de suas atitudes, falas, comportamentos e aprendizagens. Nesse sentido, essa escuta de qualidade não ocorre nas escolas tradicionais pelo fato de estar ainda muito presente, nos atuais conceitos pedagógicos, a herança enraizada da escolástica³, bem como de práticas autoritárias. Tal concepção

³O método escolástico era organizado a partir de leituras de textos produzidos por filósofos sobre determinada Escritura. Com respeito a natureza do mundo físico o método escolástico não “indagava” tal mundo, simplesmente

em nada nos envolve em trabalhos realmente educacionais — no sentido de que educação seja um ato cognitivo do sujeito que se educa — ou proporciona ambientes que contribuam para o desenvolvimento da autonomia; mas trabalha com a certeza de que o professor existe para proporcionar conhecimento através da autoridade imposta.

Logo, podemos observar que tais posicionamentos não ocorrem apenas nas escolas de educação básica, mas também nas universidades. Tem-se como exemplo, a trajetória da graduação do curso de Pedagogia, no qual é preciso aprender a ser muito mais que professores, no entanto a realidade do curso é de procedimentos extremamente teóricos e tradicionais. Por esses motivos, assim parece, personalidades inovadoras, como Freinet, que oferecem abordagens mais humanizadoras, infelizmente, são tão pouco aproveitadas e contextualizadas.

De certa forma podemos explicar, a partir dos argumentos acima, o porquê da metodologia escolhida para a Escola Elise ser a idealizada por Célestin Freinet, pois, por meio de seu aporte teórico, métodos e técnicas como o princípio da cooperação, a educação pelo trabalho e a pedagogia do bom senso, a escola se torna viva e germinadora de atividades emancipadoras e importantes para a construção não apenas do conhecimento de conteúdos e alcance de objetivos dos discentes, mas também, das situações sociais e cotidianas no que concerne à gestão das relações.

A pedagogia do bom senso exemplifica que educação não é uma fórmula acabada de escola, mas um tipo de obra de vida. “Transformar tecnicamente a escola da saliva e da explicação em um inteligente e flexível canteiro de obras, eis a tarefa urgente dos educadores.” (FREINET, 2004, p. 110).

Para alumiar o pensamento do leitor, faremos uma breve descrição da estrutura do recinto do nosso lócus de investigação, a Escola Elise, que se constitui de ambiente arborizado, com muito espaço livre de convivência e com a circulação constante de pessoas. Há plantas presentes em todo o ambiente, na tentativa de integrar natureza e estrutura física.

Suas salas são organizadas como grandes ateliês, onde são realizadas atividades por área de conhecimento. Estas, por sua vez, são compostas de disciplinas que geram possibilidades de trabalho, proporcionando aos educandos se tornarem autores do seu próprio processo de aprendizagem. Nesses ateliês existe uma grande mesa central, onde todos os estudantes fazem suas

“dizia” como ele era desde um olhar religioso e filosófico. É fundamental destacar que essa doutrina sempre teve um método de trabalho racional muito disciplinado atendendo a um princípio muito rígido de autoridade.

discussões, organizam seu trabalho e o avaliam, para em seguida reiniciar todo o processo, procurando sempre o desenvolvimento dos estudos em curso. Existe bastante espaço aberto a ser explorado para que as aulas aconteçam onde for decidido por meio dos planejamentos realizados pelos discentes.

Continuando nossa artesanaria, especificaremos agora, como o nosso objeto de estudo, a Reunião Cooperativa, toma forma durante os processos de ensino e socializações dentro da escola. A reunião cooperativa é uma das técnicas da Pedagogia da Escola Moderna utilizadas na Escola Elise. Como numa instituição que segue os preceitos da Escola Moderna, cada sala de aula deve ter no máximo 25 estudantes, pois não é possível realizar avaliações formativas constantemente com, por exemplo, 45 estudantes em uma sala.

Obviamente que estamos falando de uma escola constituída nas bases do segmento Freinetiano, mas também, estamos falando de uma escola socializadora constituída com uma visão muito ampla de liberdade, em especial quando falamos no contexto político, que em sintonia com a pedagogia de Paulo Freire apresenta o sentido de uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos.

Nesse sentido, podemos dizer que uma educação que propicia a reflexão, que leva em consideração os vários graus de poder de captação do homem no sentido de sua humanização acaba gerando uma mudança concreta no educando. Essa transitividade permeabiliza o homem, implica na verdadeira democracia. Assim como para Freinet, para Freire só seria possível formar uma mentalidade democrática por meio de um novo modelo educacional que consentisse ao homem a aquisição de autonomia no debate dos problemas sociais. Vejamos:

Por isso mesmo que, existir, é um conceito dinâmico. Implica numa dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com o seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas, que o faz histórico. Por isso, nos referimos ao compromisso do homem preponderantemente intransitivado com a sua existência. E ao plano de vida mais vegetativo que histórico, característico da intransitividade. (FREIRE, 1967, p. 59).

Assim é a reunião cooperativa — uma forma de assembleia escolar —, essa técnica que se dá exatamente por se acreditar na eficácia e participação dos educandos de forma livre e crítica, preocupados e conscientes em organizar o trabalho pedagógico, como ferramenta potente, para a gestão das relações que estão semanalmente reunidos e atentos para cooperar, pensar, organizar e levantar questões do cotidiano que precisavam ser revistas, debatidas, contestadas e resolvidas.

4.2 Como a Reunião Cooperativa acontece.

Todas as semanas, nas sextas-feiras, o grupo de estudantes e docentes discute questões concernentes à vida da classe. Inicialmente é organizada a gestão dos encontros, para isso é nomeada, entre os estudantes, uma equipe constituída de presidente, vice-presidente, secretário e vice-secretário. Todas as situações deliberadas são registradas em atas. Em cada sala de aula, no momento da reunião, são afixados painéis com os dizeres: Eu critico, eu sugiro, eu parabenizo.

O momento da Reunião Cooperativa expressa o caráter de autogestão da classe e possibilita uma análise coletiva das relações entre os educandos. Durante toda a semana, os estudantes vão escrevendo bilhetes que vão sendo colocados em envelopes relacionados aos dizeres dos painéis. Esses, servem como ferramenta para resolução de conflitos.

Nos bilhetes, os educandos fazem registros que posteriormente serão utilizados como pauta da reunião. É preciso ter nas reuniões três preocupações básicas: A primeira será abordar, analisar, discutir e rever diferentes aspectos dos relacionamentos do grupo no desenrolar dos trabalhos de classe. A segunda, planejar e organizar os trabalhos a serem desenvolvidos no determinado espaço de tempo escolar, para que a reunião possa ocorrer toda sexta-feira de cada semana. A terceira é avaliar os resultados obtidos na execução do plano de trabalho, que é elaborado coletivamente. No dia determinado, que ocorre a reunião cooperativa, os participantes devem se basear num sugerido pelos educandos, de acordo com o que foi recorrente em toda a semana que se passou. Logo após esse momento, inicia-se a retirada dos bilhetes colocados nos painéis com os dizeres eu critico, eu sugiro e eu parabenizo, que serão devidamente lidos pelo presidente.

Cada educando que tenha escrito algum desses bilhetes terá a oportunidade de expor seus pensamentos e sentimentos quanto às suas opiniões e motivações, que o levaram a escrevê-lo. Cada assunto será levado em conta, num diálogo coletivo, com a finalidade de se superar os problemas e assuntos causadores de problemas ou conflitos na turma com o intuito de resolvê-los. Em seguida, realiza-se a auto-hétero-avaliação, que é quando cada educando avalia sua conduta e suas atitudes, por meio das cores verde, amarela e vermelha.

O presidente é quem faz a mediação das falas, enquanto o secretário anota os resultados em ata. Esse momento é chamado de consideração final, o professor participa e controla todo esse processo, além de também avaliá-lo. Muito se tem discutido acerca do processo da democracia e da participação da escola na vida do estudante e na construção da aprendizagem, assim como da participação discente na escola de forma autônoma e democrática. Observando todo processo da

Reunião Cooperativa, no período correspondente ao projeto de extensão, pensamos até que ponto pode-se observar que tais acontecimentos concretos no ambiente escolar de forma contextual e verdadeira pode proporcionar mudanças nos processos de ensino e aprendizagem e das relações entre educandos, educadores e toda a comunidade educativa de forma consensual, progressiva, substancial e democrática.

Nessa conjuntura, para que tais processos possam ocorrer, é preciso que a Escola possa proporcionar ambientes que estimulem os estudantes a aprenderem tanto os conteúdos e processos de instrução técnica quanto a pensar e a se relacionar de forma democrática e cooperativa. Para tanto, é preciso que ocorra a participação dos educandos em processos de formação estimulantes, que contem com técnicas adequadas à concepção que dão a base a esse projeto de educação, como, por exemplo, a reunião cooperativa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Agora que conhecemos a Reunião Cooperativa, objeto deste estudo, podemos averiguar que essa técnica Freinet evidencia a mudança promovida na escola, pois seu êxito não está centrado na figura do professor ou dos conteúdos. A criança não é mais vista como alguém que só recebe informações e a escola passa a ser um local de perspectiva coletiva, de produção de conhecimento e comunicação através de palavras, falas e posicionamentos dos estudantes.

Sob essa ótica, tal processo estimula não apenas a cognição ou a percepção, mas proporciona a fundo a educação moral, quando o educando faz uma análise não apenas das atitudes dos seus colegas e professores, mas também de si próprio, trabalhando diretamente as questões e normas de convivências, criando conceitos morais sobre o ambiente, suas atitudes, as atitudes de seus colegas e de todos que fazem parte da escola.

Esse entendimento é de ordem prática, pois, a liberdade não é uma abstração, ela manifesta-se na medida em que as condições são criadas para seu exercício, mas liberdade não se dá nem se recebe, ela é construída na relação que tende a ser conflituosa. Entende-se que nesse contexto, em que a educação se constitui em uma prática da liberdade, o educando ao sentir que faz parte da organização descobre um sentido pessoal e social na escola, que deixa de ser apenas um espaço que ele frequenta por obrigação e passa a ser um lugar em que ele se implica, por sentir-se parte da instituição.

Ao se reconhecer como um membro da comunidade escolar passa a colaborar, mediar conflitos e problemas; faz a escola se tornar o campo de construção social, e não apenas de instrução, além de educação moral que diz respeito, portanto, a aprender sobre o que significa a construção de indivíduos autônomos, pensantes e democráticos.

Além disso, o diálogo coletivo cria o sentimento de responsabilidade diante dos companheiros e das companheiras. As assembleias e os outros momentos de diálogo escolar permitem deliberar a respeito dos temas que lhes interessam, acordar soluções, normas e projetos de ação. Tais ocasiões são tidas como momentos essenciais de participação, em que os discentes sentem a importância de fazer parte da comunidade escolar colaborando, sendo mediadores e problematizando assuntos que fazem parte da vida de todos os colegas e não apenas de um em especial.

Quando os estudantes vão para a reunião cooperativa sabendo que ela tem duas partes, uma parte de avaliação e outra de organização, já chegam com a concepção de que irão tratar as mais diversas situações de toda a semana na parte de avaliação, e que terão que se posicionar tanto com relação a si mesmos como com relação a seus colegas. Logo, quando os educandos fazem parte de um universo escolar como esse, aprendem e aceita participar da avaliação por não se trata de algo imposto, mas compartilhado, coletivo. Quando cada um tem a sua vez de falar, de escutar, de sugerir e criticar, trata-se de um grande fórum no qual todos podem participar.

Além disso, após o processo de auto-hétero-avaliação, ocorre o processo de avaliação e organização da turma, em que serão analisados os planos semanais de trabalho, que são planos coletivos. Então, se constrói o livro da vida, se prepara o quadro de responsabilidades coletivamente⁴ entre educador e educandos, diferentemente de quando o professor elabora um plano sem escutar os estudantes. Nesse caso, o docente realizará um plano seu, ou seja, impondo aos discentes suas ideias e metodologias e aí não será um plano cooperativo de todos.

Numa escola Freinet, tudo é avaliativo, tudo é avaliado e tudo é avaliação. Não existe a necessidade de se ficar pensando: vou fazer uma prova. Pode-se não ter feito uma prova formal, mas a avaliação aconteceu e acontece constantemente.

Observamos que o diálogo coletivo cria o sentimento de responsabilidade diante de companheiros e companheiras de classe, o que transcende o diálogo escolar em um momento em

⁴Algumas técnicas da pedagogia de Freinet: o desenho livre, o texto livre, as aulas-passeio, a correspondência interescolar, o jornal, o livro da vida (diário e coletivo), o dicionário dos pequenos, o caderno circular para os professores, o quadro de responsabilidades etc.

que é possível deliberar respeito, temas que interessam, propor e acordar soluções, melhorar a compreensão mútua e sentir-se mais comprometidos com os acordos que se devem adotar. Assim, comprova-se que, muitas das vezes nesse contexto, o educando, ao sentir que faz parte da organização, descobre um sentido pessoal e social na escola, que deixa de ser apenas local de estudar para fazer parte de uma comunidade de aprendizagem, onde é possível e importante colaborar, mediar conflitos e problemas. Um tal modelo de relações faz a escola se tornar o campo de construção social, e não apenas de instrução

Desta feita, podemos perceber o que propicia uma relação muito próxima entre o contexto de uma escola democrática e as técnicas da Escola Moderna: a possibilidade de trabalhar democracia e autonomia, pensamento crítico e relações sociais que são, sem dúvidas, as vertentes que mais se aproximam de uma verdadeira Educação — com “E” maiúsculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantas ratificações, apreendemos que a reunião cooperativa é uma técnica que proporciona, além de resolução de problemas, planejamentos, autorreflexões e interações, uma importante ferramenta para a autogestão do grupo. Todos participam e convivem em respeito mútuo. Não é por acaso que Célestin Freinet se tornou referência nas questões do trabalho e bom senso no contexto educacional.

Ao desenvolver as técnicas e atividades da Pedagogia Freinet, hoje ainda comuns, constata-se que muitas de suas atividades engendradas são utilizadas em muitas escolas, mesmo que com nomenclaturas diferentes, e muitas vezes utilizadas por profissionais que nunca ouviram falar de seu criador. O mais interessante em Freinet é que não é preciso estudar a fundo suas técnicas para utilizá-las no contexto docente.

Esse contexto colaborativo entre educandos e comunidade educativa, não necessariamente deve ocorrer apenas em escolas que componham o segmento da Escola Moderna, é preciso favorecer para o trabalho educativo propostas que se baseiam em cooperação, trabalho colaborativo e valorização da produção individual e coletiva, permitindo que o estudante entenda e produza em seu próprio ritmo e crie uma concepção de pertencimento a um conjunto maior, e não apenas a uma sala de aula. Tal proposição não é utopia, mas pode acontecer se acreditamos que podemos deixar um pouco de lado posturas que já nos foram impostas e que estão apenas sendo reproduzidas pelo modelo de educação tradicional que aprendemos a conhecer.

Por fim, é preciso impregnar nossos pensamentos de uma visão racional da evolução social. Esse era um dos grandes pontos pensados por Freinet: entender que é preciso abandonar o autoritarismo que há tanto tempo é a marca registrada da educação tradicional, ajudar todos aqueles que necessitam de auxílio, aperfeiçoar e desenvolver potencialidades, não apenas cognitivas, mas como seres humanos, para termos pessoas mais humanas em nosso mundo e, assim, plantarmos a semente da educação popular por meio de uma verdadeira educação do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ENGELS, Friedrich. “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876)”, **Trabalho necessário**. Rio de Janeiro, Ano 4, n. 4, p. 1-9, 2006, ISSN 1808-799X.
- FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FREINET, Célestin. **Educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. v. 1, t. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- OLIVEIRA, Anne Marie Milon. **Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica**. Rio de Janeiro: Papéis e Cópias da Escola de Professores, 1995.

Artigo recebido em: 13/09/2023
Aceito para publicação em: 30/10/2023